

A Dublin meticulosa de James Joyce

The Meticulous Dublin of James Joyce

Emily Arcego¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva²

Universidade Federal de Santa Catarina

Na atualidade, James Joyce (1882-1941) é considerado um dos autores mais influentes do século XX na literatura ocidental. Embora sua trajetória literária tenha sido marcada por desafios e críticas por parte da sociedade e dos editores, seu trabalho tomou reconhecimento nos últimos anos e segue sendo influência e referência para aqueles que desejam compreender mais desse estilo de escrita. Entre suas obras estão *Dubliners* (1914), *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916), *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939)³.

Embora Joyce mais tarde ridicularizasse sua experiência inicial de escrever para um ‘jornal de porco’⁴ (esta é a frase de Stephen em *Ulysses*), ele aproveitou a oportunidade para começar a explorar a paralisia da vida em Dublin. No processo, ele ignorou o simples pedido de Russell para evitar ‘chocar’ os leitores e escreveu sua primeira história sobre o relacionamento de um menino sem nome com um padre velho e moribundo. (BULSON, 2006, p. 35, tradução nossa⁵)

Os contos publicados não foram bem aceitos por seu público-leitor, o que fez com que o editor deixasse de publicar os materiais enviados por Joyce. Apesar do

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Bolsista Capes Excelência. E-mail: arcegoemily@gmail.com

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Bolsista Capes Excelência. E-mail: maria.fms@hotmail.com

³ Salientamos que as referidas obras foram todas traduzidas para o português sob os títulos de: *Dublinenses* (1992) traduzido por Hamilton Trevisan, *Retrato do Artista quando Jovem* (1984) traduzido por José Geraldo Vieira, *Ulisses* (1983) traduzido por Antonio Houaiss e *Finnicius Revém* (1962) traduzido por Haroldo e Augusto de Campos.

⁴ Acreditamos que a expressão ‘jornal de porco’ se dá pelo fato de que o *Irish Homestead* tinha como enfoque o meio rural.

⁵ Although Joyce would later deride his early experience writing for a “pig’s paper” (this is Stephen’s phrase in *Ulysses*), he used this opportunity to begin exploring the paralysis of Dublin life. In the process, he ignored Russell’s simple request to avoid “shock[ing]” readers and wrote his first story about a nameless little boy’s relationship with an aged and dying priest.

infortúnio experienciado no periódico agrícola, o autor não desistiu e passou a escrever e revisar os trabalhos já publicados para compilar uma obra de sua autoria. Entre as temáticas abordadas estavam novamente os problemas sociais irlandeses, especialmente no tocante à opressão do governo inglês e à imposição do catolicismo por parte da Igreja. Era assim que, na escrita, Joyce expunha a sociedade dublinense através de um “espelho bem polido” (JOYCE *apud* ELLMANN, 1982, p. 222, tradução nossa⁶), que possibilitava que os irlandeses tivessem uma boa impressão de si mesmos ao mesmo tempo que pudessem perceber as “críticas” intrínsecas àquele contexto (BULSON, 2006, p. 33). Considerando que a proposta do presente ensaio é discutir o estilo de escrita de James Joyce, propomos partir da obra *Dubliners* para obter exemplos concretos da prerrogativa. Nos quinze contos de *Dubliners*, é possível a forma como o autor descreve os irlandeses, isto é, percebe-se uma espécie de paralisia social na qual os personagens estão inseridos. Ali, nota-se a procura por se libertar do estilo de vida irlandês por meio de mudanças para outros países ou fuga de uma determinada realidade sem futuro, mas que não era de fato realizada e assim, as personagens resistiam e mantinham-se naquela sociedade pacata e passiva (CONNOR, 1996).

Em uma declaração dada a Grant Richards, Joyce descreve claramente seu objetivo com relação ao modo como retratava a Irlanda:

Minha intenção foi escrever um capítulo da história moral de meu país, e eu escolhi Dublin para isso porque a cidade parece-me o centro da paralisia. Tentei apresentá-la a um público indiferente sob quatro aspectos: infância, adolescência, maturidade e vida pública. As histórias estão dispostas nessa ordem. Eu escrevi a maior parte em um estilo de mesquinhez escrupulosa e com a convicção de que é muito corajoso aquele que ousa alterar na apresentação e, mais ainda, deformar o que tenha visto e ouvido. (JOYCE, 1966, pp. 123 e 134 *apud*, CASTRO, 2015, p. 19⁷)

Muito embora a escrita joyciana apresentasse uma inovação na forma narrativa no que se refere aos quesitos linguísticos e densidade na leitura, James Joyce sofreu inúmeras recusas ao tentar publicar *Dubliners*. A recusa por parte dos editores se dava principalmente porque a obra era considerada inadequada e seu conteúdo era inapropriado. Isso ocorria porque o escritor expunha personalidades da sociedade

⁶ No original: a nicely polished looking-glass.

⁷ Although Joyce would later deride his early experience writing for a “pig’s paper” (this is Stephen’s phrase in *Ulysses*), he used this opportunity to begin exploring the paralysis of Dublin life. In the process, he ignored Russell’s simple request to avoid “shock[ing]” readers and wrote his first story about a nameless little boy’s relationship with an aged and dying priest.

dublinense de forma crítica e caricata, inclusive com comportamentos semelhantes ou feições.

Um exemplo dessa crítica considerada caricata pode ser representado através do personagem Uncle Charles do livro *Ulysses*. No excerto a seguir poderemos demonstrar as nuances da retórica do personagem:

Uncle Charles has notions of semantic elegance, akin to his ritual brushing of his hair; we hear him employing the word “salubrious”, also the word “mollifying.” If Uncle Charles spoke at all of his excursions to what he calls the outhouse, he would speak of “repairing” there. (KENNER, 1978, p. 17)

Após mais de dez anos entre tentativas e rejeições, *Dubliners* finalmente foi publicado em 1914. O exemplo acima ilustra um pouco do modo como Joyce retrava as personagens, o que corrobora com os argumentos dos editores para a recusa. Visto que os responsáveis pela publicação acreditavam na possibilidade de autorreconhecimento por parte dos leitores, eles acreditavam que o resultado acarretaria situações constrangedoras e um mal estar na sociedade, e, portanto, recusavam o trabalho de Joyce.

Segundo Mutran (1992), por volta dos anos 1990 e 2000 houve um aumento significativo de pesquisas sobre a literariedade das obras, o estilo, características e possíveis influências joycianas na literatura ocidental. As causas desse crescimento não são explícitas, contudo, em nosso caso, destacamos que a admiração pelo autor e sua meticulosidade são as motivações fundamentais para a escrita deste ensaio.

Por fim, o presente ensaio busca expor a escrita de Joyce a partir de uma revisão de literatura focada em *Dubliners*. Além de demarcar sua estilística linguística, ou seja, as características que envolvem o processo de escrita e criação, o trabalho pontua brevemente a historiografia da composição do livro de contos, juntamente com elementos que fizeram parte desse processo, tais como: influências sociais, religiosas, movimentos temporais.

1. A Dublin nada convencional de Joyce

O processo de escrita joyciano tem características particulares e que são reconhecidas como parte da estilística do autor. Esses fatores podem ser considerados relevantes para a literatura ocidental, haja vista que influenciou e segue influenciando diversos escritores, como por exemplo Clarice Lispector, Graciliano Ramos e Virgínia

Woolf. Percebe-se, por meio das escolhas realizadas pelo autor, sua visão clara e negativa acerca da sociedade dublinense. Em seus trabalhos, Joyce não fala com eloquência da vida de Dublin, mas demonstra, por meio de uma visão crítica, um contexto de heróis deturpados. Richard Ellmann (1982, p. 6), em sua biografia de Joyce, descreve o povo de Dublin como “anti-heróis”, ou seja, apresenta uma realidade composta por bêbados, galanteadores com problemas sociais escancarados.

Joyce é o porco-espinho dos autores. Seus heróis são rancorosos – o jovem impossível, o adulto passivo, o barba-grisalha tomando uísque. É difícil gostar deles, mais difícil ainda é admirá-los. Joyce prefere assim. A simpatia inequívoca levaria a um resultado romanceado. Ele desnuda o homem daquilo que costumamos respeitar, então nos convoca a simpatizar. Tanto para Joyce quanto para Sócrates, entender é uma luta, melhor ainda quando humilhante. Podemos nos aproximar dele escalando os obstáculos de nossas pretensões, mas, ao fazermos isso, ele novamente desafia a nossa proeza com a linguagem difícil. Exige que nos adaptemos tanto na forma como no conteúdo ao seu novo ponto de vista. Seus heróis não são fáceis de gostar, seus livros não são fáceis de ler. Ele não deseja nos conquistar, mas nos força a conquistá-lo. (ELLMANN, 1982, p. 6; tradução nossa⁸)

Por meio das palavras de Ellmann (1982) é possível sentir a Irlanda caótica exposta por Joyce, que não busca moldar seus heróis para agradar ao público. Steven Connor (1996, p. 10), ao tratar da estrutura de *Dubliners*, explicita que a obra possui uma sequência orgânica, ou seja, segue o padrão de crescimento e evolução do ser humano, sendo composta pela infância, adolescência e, posteriormente, pela fase adulta.

Além disso, pode-se afirmar que *Dubliners* possui como uma de suas características principais um alto teor de realismo, e foi justamente esse aspecto que impactou os editores e dificultou a publicação do livro. Amaral (2013, p. 138), relembra o trabalho de Joyce com os manuscritos, e afirma que “seu texto só é como tal porque Joyce podia tê-lo nas mãos ao escrever e revisar”.

Cabe pontuar que grande parte da crítica editorial dizia respeito a uma sociedade caricaturada por meio da obra, baseada em um contexto real e com personalidades

⁸ Joyce is the porcupine of authors. His heroes are grudging heroes - the impossible young man, the passive adult, the whiskey- drinking graybeard. It is hard to like them, harder to admire them. Joyce prefers it so. Unequivocal sympathy would be romancing. His denudes man of what we are accustomed to respect, then summons us to sympathize. For Joyce, as for Socrates, understanding is a struggle, best when humiliating. We can move closer to him by climbing over the obstacles of our pretensions, but as we do so he tasks our prowess again by his difficult language. He requires that we adapt ourselves in form as well as in contents to his new point of view. His heroes are not easy liking, his books are not easy reading. He does not wish to conquer us, but to have us conquer him.

consolidadas. Talvez por esta razão, os editores temiam o reconhecimento de *personas* ali presentes e os problemas que isso poderia gerar. De acordo com Ellmann (1982), são muitos os traços autobiográficos do autor e do contexto. Um desses traços pode ser percebido em uma das visitas à Irlanda, quando Joyce encontra o amigo Oliver Gogarty, que implora para não ser incluído como um de seus personagens de suas obras. No entanto, o escritor não se compromete e afirma que, se caso isso acontecesse, seria de forma artística. A partir dessa consideração, é possível verificar que a fama do escritor se difundia principalmente por meio de seus personagens caricatos de Dublin.

Outra anedota envolvendo a divulgação das obras de Joyce deu-se com Kettle, um colega de faculdade e um dos únicos resenhistas das obras joycianas na Irlanda. No início de sua carreira como escritor, Kettle considerou as obras de Joyce inapropriadas, valendo-se dos argumentos de que conhecia tanto os personagens mencionados quanto o escritor em si e pontuou que os contos possuíam um teor perverso. Nessa ocasião, Joyce havia buscado ajuda do colega porque estava com dificuldades para publicar seu primeiro livro, porém a ajuda não veio (ELLMANN, 1982, p. 51). Por mais que as críticas fossem constantes, Joyce manteve-se firme em sua escrita e não suavizou o conteúdo textual dos textos que escrevia (AMARAL, 2013, p. 155).

Para entender melhor a composição de *Dubliners*, é necessário revisitar seu processo de escrita. Garry Leonard (2004, p. 87) expõe o primeiro contato do público leitor com a escrita joyciana, a qual ocorreu a partir do convite de Russell, que fazia parte do conselho editorial do jornal agrícola *Irish Homestead*.

O primeiro conto para o periódico, “The Sisters”, foi escrito em meados de 1904 e publicado em 13 de agosto do mesmo ano. Cabe mencionar que a versão publicada posteriormente na coletânea de contos intitulada *Dubliners* diferencia-se da primeira versão. Por isso, reafirma-se ainda mais o olhar detalhista e meticuloso do escritor irlandês que buscava sempre aprimorar o grau de literariedade de suas obras.

Após a veiculação do primeiro conto, veio a encomenda do segundo. Dessa vez, Joyce escreveu e publicou “Eveline”, no mesmo periódico, em 10 de setembro de 1904. O terceiro conto, “After the Race”, foi publicado em 17 de dezembro do mesmo ano. Posteriormente à divulgação dos trabalhos citados, Joyce perpetuou sua escrita em casa, na composição de mais doze contos e inúmeras correções, tanto dos publicados quanto dos inéditos.

Derek Attridge (2004, p. 1), ao comentar sobre a influência do escritor irlandês e seu legado, descreve a paródia e o pastiche como características de suas obras. Ao

mesmo tempo em que esses elementos estão presentes em outros meios, como nas músicas, na televisão e no rádio, denota-se sua importância na obra joyciana para caracterizar ainda mais os dublinenses.

Mesmo aqueles que leem muito pouco romance encontram os efeitos da revolução de Joyce toda semana, senão todos os dias, como por exemplo na televisão e no vídeo, no cinema, na música popular e na publicidade, todos marcados como gêneros modernos pelo uso de técnicas joycianas de paródia e pastiche, autorreferencialidade, narrativa aberta e múltiplos pontos de vista. Sem contar que a explicitação sem precedentes com que Joyce introduziu os detalhes triviais da vida cotidiana no campo da arte abriu um novo e rico território para escritores, pintores e cineastas, ao mesmo tempo em que revelou as férteis contradições da própria iniciativa realista (ATTRIDGE, 2004, p. 1; tradução nossa⁹).

Quando os detalhes triviais aparecem em *Dubliners*, eles frequentemente direcionam-se a hábitos presentes no cotidiano dos dublinenses relacionados à hospitalidade e às bebidas e aos diálogos regados a chá, cerveja, vinho, entre outras. Independentemente da ocasião, a bebida é uma característica cultural relevante, seja para celebrar ou enfrentar momentos difíceis vividos na Irlanda à época de Joyce. Essas bebidas, ademais de detalhes presentes no contexto da obra, representam um traço marcante irlandês, pois fazem parte de expressões e simbologias dentro dessa cultura que abarca tanto o período que se encontra a obra joyciana quanto os dias atuais

Além disso, pode-se inferir que os recursos estilísticos utilizados, como vários pontos de vista e a narrativa aberta, permitem fazer múltiplas leituras e perceber os contos por diversos pontos de vista. Como afirma Attridge (2004, p. 2; tradução nossa¹⁰), “os textos de Joyce mudam à medida que nossos próprios ambientes culturais também mudam, o que é uma das razões de serem inesgotáveis”. Por isso, é possível trabalhar com a literatura joyciana em diferentes níveis, criando interpretações variadas. O jogo de palavras criado pelo escritor permite que o leitor interaja, brinque com sua arte, tendo assim uma literatura de deleite e com diferentes perspectivas.

⁹ Even those who read very few novels encounter the effects of Joyce's revolution every week, if not every day, in television and video, film, popular music, and advertising all of which are marked as modern genres by the use of Joycean techniques of parody and pastiche, self-referentiality, open-ended narrative and multiple point of view. And the unprecedented explicitness with which Joyce introduced the trivial details of ordinary life into the realm of art opened up a rich new territory for writers, painters, and film-makers, while at the same time it revealed the fruitful contradictions at the heart of the realist enterprise itself.

¹⁰ Joyce's texts change as our own cultural surroundings change, which is one reason for their inexhaustibility.

Ler um texto de Joyce pode ser comparado a tocar uma peça musical – isso pode ser feito rapidamente, pulando passagens opacas ou repetitivas para ter um sentido dos padrões e desenvolvimentos mais longos, ou lentamente, saboreando as palavras, intrigando os enigmas, seguindo as referências cruzadas. (ATTRIDGE, 2004, p. 3; tradução nossa¹¹)

Em suas obras, Joyce faz uso de três elementos principais: a compaixão, o humor e o estilo contido e meticuloso (ELLMANN, 1991). O escritor introduz certa compaixão presente nas vidas frustradas de seus personagens por meio de um humor irlandês característico, que permite que, mesmo em uma situação caótica, ela poderia também ser engraçada. Por meio desses artifícios Joyce expunha situações peculiares sem perder a imponência de seu lirismo em versos heroicos e escrita meticulosa. O escritor trabalhava com maestria a realidade dos dublinenses, demonstrando a decadência da capital da Irlanda, levantando acusações sobre corrupção, repressão e inércia da sociedade por meio de antíteses cotidianas. Com isso, ele mostrava que, mesmo na desgraça, pode haver alguma graça, mesmo nas frustrações, pode haver esperança, mesmo nos amores abalados, pode haver vida (ELLMANN, 1991, p. 25).

A audácia e astúcia de Joyce merecem ser discutidas não apenas por seu lirismo literário, mas também por sua coragem ao apresentar o cenário em que a Irlanda estava submersa. Os contos foram escritos na época do renascimento literário irlandês, quando a Irlanda ainda era colônia da Inglaterra. Naquele período, buscava-se afirmar uma identidade nacional através do resgate do folclore de lendas celtas e de histórias da própria cultura irlandesa.

Outra característica da época era expressa pelos intelectuais, artistas, poetas, escritores daquele período, que se engajaram em exaltar o nacionalismo através do uso da língua irlandesa, mesmo que esta não estivesse sendo falada em algumas regiões e fosse considerada como uma língua de pessoas incultas. Eles acreditavam que, por meio dessas estratégias, seria possível buscar a independência a partir de uma identidade nacional consolidada.

Não obstante, Joyce posicionou-se contra esse movimento, assumindo uma postura antinacionalista, discordando da ideologia de utilizar sua arte para fomentar os ideais nacionalistas literários. Conforme afirma Ellmann (1982, p. 51), a atitude de

¹¹ Reading a text of Joyce's can be compared to playing a piece of music - it can be done rapidly, skipping over opaque or repetitious passages to gain a sense of the longerrage patterns and developments, or slowly, savouring the words, puzzling over the conundrums, following up the cross-references.

Joyce era vista pelos demais como a de alguém que não ignorava esse movimento, mas que se esforçava para fomentar críticas e caçoar da situação. Um exemplo dessa atitude é demonstrado quando o autor introduz em suas obras expressões taxativas e pejorativas para definir tanto a capital irlandesa quanto seus habitantes, ou quando define o povo irlandês como o mais atrasado da Europa e seu país como uma porca velha que come seus porcos (ELLMANN, 1982, p. 24).

O motivo para Joyce atizar a parte sensível da Irlanda, ou seja, a hipocrisia social e a carência cultural, eram a opressão causada pelo governo inglês, que levou os infortúnios para o país conhecido como Ilha da Esmeralda. O escritor acusava o governo de estrangular seu país, disseminar a sífilis, aumentar a pobreza, incentivar o alcoolismo e implementar superstições. Ele ressaltava também o poderio da Igreja ao afirmar que sua influência aumentou o número de fanáticos, puritanos e jesuítas (OLIVEIRA, 2017).

Entretanto, Joyce não pode ser somente descrito como um autor realista, visto que seu trabalho também possui traços modernistas. Isso pode ser percebido ao olharmos suas obras sob o prisma da estética e da arte que se desprende de valores religiosos ou morais.

Joyce retirou a consciência da Igreja e a passou para a arte. Ele quer ressaltar que sua arte vai trabalhar com a realidade – não uma realidade à maneira de Zola, que é uma distorção em nome do corpo, e tampouco uma distorção mística, em nome da alma –, mas é através da arte que ele espera criar essa grande transformação. [...] Joyce considerava a arte como o centro vital da existência. Quando ele fala numa consciência, está pensando em algo diferente da consciência que então prevalecia – algo em consonância com a ética superior de Wilde, mais helênica do que cristã. É uma consciência em constante busca de mais liberdade para si e, portanto, para o artista e seu público (ELLMANN, 1991, p. 26).

Jeri Johnson (2004), ao analisar o lado modernista de Joyce, afirma que ele era um intelectual que estava sempre à frente de seu tempo, atento aos avanços e às transformações sociais. Com isso, teria passado a perceber desejos e intenções do ser humano, isto é, aspectos políticos, sexuais, sociais e religiosos. Neste mesmo período, ocorria a ascensão feminina, em um contexto em que as mulheres passaram a buscar seus direitos para que não fossem vistas apenas como instrumentos dos homens. Joyce, corroborou com esse momento através da apresentação de traços marcantes em seus personagens e por meio do uso de ironias presentes nos contos. Entre os temas

abordados, destaca-se a brutalidade masculina, a virgindade, a prostituição, a passividade feminina e a maternidade.

Joyce não apenas representa; ele exhibe as próprias condições da “representação”. Como por exemplo, em *Eveline*, Joyce apresenta o que os leitores foram rápidos verão percebê-la como uma história crítica da passividade de uma jovem mulher (em sua incapacidade de fugir com Frank) e, portanto, faz uma crítica a esse comportamento, ao invés de simpatizar, à condição de vida das mulheres presas à violência e desespero e que não poderão fugir dessa vida. (JOHNSON, 2004, p. 2004; tradução nossa¹²)

Embora esse perfil de mulher ainda não estivesse presente na literatura irlandesa, Joyce expunha essa característica das mulheres que lutavam por sua liberdade e independência, o que pode ser considerado uma peculiaridade inovadora. Um exemplo disso é a personagem Miss Ivors, do conto “The Dead”, que possui um perfil revolucionário e sai mais cedo da festa para frequentar a reunião sindicalista. Ao que tudo indica, a personagem foi inspirada em Hanna Sheehy Skeffington, companheira de encontros de juventude de Joyce (TOLLENTINO, 1999).

Outro personagem de destaque no conto, que ilustra a força com que a cultura inglesa é imposta, é Gabriel, que afirma não reconhecer o irlandês como seu idioma: “o irlandês não é minha língua. [...] Eu estou farto do meu próprio país, cansado dele” (JOYCE, 1996, p. 216, tradução nossa¹³). Pelas palavras do personagem, é possível notar a influência da colonização inglesa, quando os habitantes de seu país abandonavam seus costumes e sofriam uma espécie de “domesticação”, na qual até mesmo a língua era deixada de lado. Joyce escancara as consequências da colonização e expõe a realidade da Irlanda como nação. Ele não apenas denuncia a violência do imperialismo, mas também permite que o leitor reflita sobre e se identifique com ela.

Ao longo do conto “The Dead”, é possível perceber nuances que demarcam o modo como Joyce percebia a Irlanda, ou seja, ao longo da estória percebem-se as visões deturpadas em relação à Inglaterra e o posicionamento negativo demonstrado em alguns personagens. Além disso, no conto, verifica-se que para alguns irlandeses o continente,

¹² Joyce not only represents; he exhibits the very conditions of ‘representation’ itself. So, for example, in ‘Eveline’, Joyce presents what readers have been quick to see as a story critical of one young woman’s passivity (in her failure to flee with Frank), and therefore critical of, rather than sympathetic to, women trapped in lives of violence and desperation who will not avail themselves of offered escape.

¹³ Irish is not my language. [...] ‘I’m sick of my own country, sick of it!’

isto é, a Inglaterra, representa o modelo ideal a ser copiado, tanto na moda quanto nos costumes. Ademais, para Gabriel, ele representa o avanço, o futuro.

Exemplo da idéia de Europa como continente, separado das Ilhas Britânicas, em Joyce, encontra-se nesse mesmo conto, quando as pessoas repetidamente se referem àquele torrão distante da Irlanda; ‘Gabriel diz que todo mundo está usando [galochas] no continente’, diz Gretta à página 181, e Tia Julia repete com admiração; ‘Oh, no continente!’ Mais tarde Gabriel diz a Miss Ivors que prefere passar as férias na França, Bélgica ou Alemanha do que no oeste da Irlanda. As repetidas citações ao continente neste texto têm diferentes conotações; para Tia Julia, esse continente é um lugar distante, inacessível, mas sofisticado, cujas modas são copiadas na Irlanda. Para Gabriel, o continente é um local de avanço cultural, desejável como ligação da Irlanda em seu futuro como nação, em preferência às ligações com o oeste mitológico relacionado com o passado (TOLLENTINO, 1999, p. 160).

Gabriel e Miss Ivors são personagens notórios inseridos dentro do conto para que as críticas joycianas possam surtir efeito. O clímax entre os dois ocorre quando Miss Ivors, definida por Gabriel como republicana ou revolucionária, chama-o de “Bretão Ocidental”¹⁴. A partir dessa expressão, a personagem reitera a ideia de que Gabriel colabora com os imperialistas britânicos já que ele escreve resenhas em inglês para um jornal irlandês. Durante o mesmo diálogo, Miss Ivors o convida para passar as férias nas Ilhas Aran e, então, sem delongas, Gabriel a inferioriza, afirmando que prefere ir ao continente para manter contato com outras línguas, já que está farto de seu país e o irlandês não é seu idioma. O diálogo entre os personagens aponta para a crítica ao domínio britânico e sua autoafirmação, principalmente porque a visão de Gabriel passou a ser a visão de muitos irlandeses à época, vislumbrando a Inglaterra como sinônimo de futuro e modernidade.

A partir do que foi exposto até o presente momento, pontua-se a variedade de fatores que podem ser levantados e estudados no escopo da literatura Irlandesa, e, mais especificamente, de caráter joyciano. Através de seu traço peculiar e expressivo, Joyce investiu em uma literatura que contempla a ideologia social e política e utiliza artifícios literários e linguísticos para que seus objetivos sejam alcançados.

¹⁴ ‘West Briton’ (JOYCE, 1996, p. 217).

No entanto, apontamos que, o conteúdo exposto neste ensaio não tem por objetivo esgotar todas as facetas do autor. Busca-se levantar e pontuar os aspectos que consideramos relevantes na narrativa joyciana a partir das leituras realizadas por nós e com enfoque na obra *Dubliners*. Salientamos, ainda, que poderão existir outros pontos de destaque e de conflito na narrativa joyciana na visão de pesquisadores que partem de outros princípios ou que abordam a questão a partir de um espectro diferente do nosso.

Finalizamos esta seção, lembrando o que foi dito anteriormente: Joyce buscou uma literatura de deleite que favorece os mais diversos pontos de vista e múltiplas interpretações a cada novo processo de significação de suas obras.

Considerações finais

O presente texto buscou expor a escrita de Joyce a partir de uma revisão de literatura focada principalmente em sua segunda obra intitulada *Dubliners*. Além de demarcar sua estilística linguística, ou seja, as características que envolvem o processo de escrita e criação, o trabalho pontuou brevemente a historiografia da composição do livro de contos, juntamente com elementos que fizeram parte desse processo, tais como: influências sociais, religiosas, movimentos temporais.

Desta forma, a Irlanda nada romantizada e habitada por seus anti-heróis que sofrem uma espécie de “paralisia social” é um dos expoentes centrais descritos. A genialidade de quem debruçou-se para pintar uma Irlanda que se um dia desaparecesse poderia ser vista em seus livros, demonstrou que ela era também o berço de vícios, personalidades, gastronomia e movimentos sociais intrínsecos a um determinado espaço e tempo.

Por meio deste cotejo historiográfico e linguístico, pode-se perceber um dos motivos pelos quais o legado de Joyce perpetuou ao longo dos anos. Com seu jeito astuto e transformador, ele retratou uma Dublin não romantizada, mas sim, uma cidade com seus problemas sociais, suas características mais íntimas e que enfrentava uma paralisia social na qual todos estavam presos a uma teia que não permitia prospecção de vida.

Embora Joyce tenha sido considerado por estudiosos um homem a frente de seu tempo, seja por suas vanguardas realistas e modernistas, ou até mesmo, por abordar temáticas polêmicas, seu rebuscamento literário e sua cadência linguística também devem ser considerados. Na escrita, nota-se, portanto, a perspicácia de Joyce quando ele

se esforça para utilizar do humor e a crítica para parodiar ou ironizar o contexto social da Irlanda que ia de encontro ao nacionalismo pregado à época.

Por fim, acreditamos que os elementos expostos neste ensaio podem contribuir para a compreensão da técnica narrativa de Joyce de modo a acrescentar aos estudos concernentes à vida e obra do autor.

REFERÊNCIAS

AMARAL Vitor Alevato do. *Literalmente Joyce: uma Retradução de Dubliners*. 2013. 358 p. Tese (Doutorado) – Curso de Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ATTRIDGE, Derek. *Reading Joyce*. In: ATTRIDGE, Derek (Ed.). *James Joyce*. 2. ed. Cambridge, Uk: Cambridge University Press, 2004. pp. 1-27

BULSON, Eric. *The Cambridge Introduction to James Joyce*. Cambridge University Press, 2006.

CASTRO, Thalita Serra de. *James Joyce: voz narrativa e projeto estético em construção*. 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-03122015-125052. Acesso em: 2021-01-21.

CONNOR, Steven. *James Joyce*. Plymouth, United Kingdom: Northcote House Publishers, Limited, 1996.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. 2.^a ed. Oxford: Oxford University Press, 1982.

ELLMANN, Richard. *Ao longo do riocorrente*. Ensaios literários e biográficos. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JOHNSON, Jeri. Joyce and Feminism. In: ATTRIDGE, Derek (Ed.). *James Joyce*. 2. ed. Cambridge, Uk: Cambridge University Press, 2004. pp. 196-2012.

JOYCE, James. *Dubliners*. Estabelecimento textual de Robert Scholes; A. Walton Litz. Nova Iorque: Penguin Books, 1996. Col. The Viking Critical Library. Texto da clássica edição de 1967.

LEONARD, Garry. *Dubliners*. In: ATTRIDGE, Derek (Ed.). *James Joyce*. 2. ed. Cambridge, Uk: Cambridge University Press, 2004. pp. 87-102

MUTRAN, Munira. A recepção de James Joyce no Brasil. In: NESTROVSKI, Arthur. (org.). *Riverrun. Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. OLIVEIRA, Leide Daiane de Almeida. A Publicação e Recepção de *Dubliners* e *Finnegans Wake* de James Joyce. In: ABREU, Juliana de et al (Org.). *Percalços nos caminhos da tradução: entrelaçando ideias*. Florianópolis: UFSC/CCE/DLLE, 2017. pp. 131-138 Disponível em: <https://spapget2017.wixsite.com/spapget> Acesso em: 02 jul. 2019.

TOLLENTINO, Magda Velloso Fernandes de. *James Joyce e a Formação da Nação Irlandesa: História, Música e Literatura no Nascimento de Uma Nação*. 1999. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Letras da UFMG, Minas Gerais, 1999.